

MEMORIAL DE LEITURA: UMA POSSÍVEL ESTRATÉGIA PEDAGÓGICA NOS CURRÍCULOS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Luana de Araújo CARVALHO

Hércules Tolêdo CORRÊA

Universidade Federal de Ouro Preto

luanadaraujo@hotmail.com

herculest@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo discutir a importância de memoriais de leitura no curso de formação de professores como estratégia pedagógica para a constituição identitária dos futuros docentes. Tem-se como pressuposto, que o memorial de leitura possa ser uma estratégia pedagógica contemplada nos currículos de formação de professores, uma vez que, por meio da produção de narrativas autobiográficas- memoralísticas- os alunos poderão compreender suas trajetórias de vida/ escolar e seus históricos de aprendizado por meio desta auto-reflexão, possibilitando ressignificar suas práticas leitoras. Outro pressuposto deste estudo é que na constituição do rememoração- ato de lembrar, via memorial- entra em jogo a ideologia dos sujeitos envolvidos, assim como suas identidades sociais, ou seja, o lembrar contribui na compreensão da formação identitária dos sujeitos, assim como em sua consciência histórica. Partindo desta hipótese, este trabalho contemplará reflexões ainda preliminares, sobre a memória, como fonte de ressignificação e a formação identitária docente. Assim, acredita-se que o memorial como estratégia pedagógica para a formação de professores possibilita com que o sujeito-narrador compreenda melhor sua formação. Pensando nos benefícios e possibilidades que o memorial acarreta à formação dos sujeitos, como instrumento pedagógico que possibilita a melhoria da formação, as narrativas representam uma esperança para a educação e formação de professores.

Palavras-chaves: Memorial de leitura; Identidade; Estratégia Pedagógica; Currículo

1. Introdução

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a importância de memoriais no curso de graduação como estratégia pedagógica para a formação de futuros professores. Tem-se como pressuposto que o memorial, advindo do trabalho da memória, possibilita a significação e a ressignificação do sujeito sobre sua história de vida, tornando-se um ciclo de construções e reconstruções, ou seja, olha-se para o passado com os olhos do presente como relata Magda Soares (1991)¹. Para Peres (2011) “na medida em que o sujeito pensa em si, muitos aspectos

¹ No livro “Metamemória- memórias: travessia de uma educadora” Magda Soares, publica seu memorial da vida acadêmica, solicitado como requisito para ingressar como professora titular da Universidade Federal de Minas Gerais. Neste livro Magda discorre sobre a importância do memorial para a formação. Considerado para ela um potencial instrumento de reflexão, a fim de entender o “por que fez, para que fez e como fez”.

do vivido podem vir à tona para contribuírem como processo de formação posterior” (p. 177)². Partindo destes pressupostos, este trabalho contemplará, em primeiro momento, reflexões ainda preliminares, sobre a memória, como fonte de ressignificação. Em seguida, será discutido sobre os memoriais, como instrumento pedagógico para a melhoria e conscientização do processo de formação. Posteriormente, será discorrido especificamente sobre os memoriais de leitura, como estratégia pedagógica e instrumento de reflexão e de autoconhecimento sobre a formação do sujeito leitor. E por último, o artigo acarretará algumas considerações sobre os memoriais como estratégia pedagógica nos cursos de formação de professores a fim de uma melhoria da educação como esperança para uma educação e formação consciente.

2. Memória

Para De Certeau (1990) a memória é uma arte, construída por clarões e fragmentos, detalhes que são lembrados. Para ele a memória é móvel, cada lembrança dela é modificada a cada momento em que é lembrado, “longe de ser relicário, ou a lata de lixo do passado, a memória vive de crer nos possíveis, e de esperá-los, vigilante, à espreita” (pg.131). A memória situa-se em uma mobilidade de tempo-espço, sendo tridimensional, como relata Abrahão (2011) ela é o rememoração - ato de lembrar- do passado em um tempo-espço diferente do rememorado - do presente. Ela consegue articular estes três tempos, “rememora o passado com olhos do presente e permite prospectar o futuro.” (pg. 166)³. Para Bossi (1973)⁴ uma lembrança- o rememoração- é como um diamante bruto que precisa ser lapidado, por meio do trabalho da reflexão.

Para Guedes-Pinto *et.al.*(2008)⁵ a memória está em constante construção, por meio da rememoração (trabalho da memória), podendo ser constituída através da narrativa, que por sua vez é construída a partir do objetivo em que ela está sendo narrada. Assim, a rememoração, para as autoras, possui várias versões, pois sua construção é um processo subjetivo, que se tece conforme o contexto social no momento e conforme a relação construída com os elementos da memória- acontecimento, lugar e personagens. Desta maneira, o narrar é ressignificar. E todas as ressignificações e versões são validas e legítimas.

A memória é uma produção individual, com influência coletiva – social - caracterizada por movimentos, flutuações, instabilidades e seletividade. Para Pollak (1992)⁶, a memória é um fenômeno constituído individualmente e coletivamente. A memória, para o pesquisador, é construída individualmente com fortes influências sociais - do contexto na qual os sujeitos estão inseridos, ou seja, ela é construída simultaneamente pela memória coletiva e memória individual. Na constituição deste rememoração, entra em jogo a ideologia dos sujeitos envolvidos assim como suas identidades sociais, muito estudada pela História Oral. Para

² No artigo “Movimentos (auto) formadores por entre a pesquisa e a escrita de si”, Peres, descreve achados de uma pesquisa realizada com oito alunas do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas durante quatro anos- um estudo longitudinal- utilizando as narrativa, a fim de auxiliar os sujeitos a pensarem em si e no vivido, a fim de contribuir para a formação a posterior.

³ Abrahão discute sobre o memorial de formação, a partir de seu aspecto metodológico. Abordando sobre a possibilidade da narrativa como uma ressignificação da história pessoal, profissional e como invenção de si.

⁴ Bossi, em sua tese publicada em livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos” discorre sobre a função social da memória dos velhos.

⁵ No livro “Memórias de leitura e formação de professores”, Guedes-Pinto, Geisa Gomes e Leila da Silva abordam um estudo com alun@s no curso de pedagogia sobre memórias de leitura por meio de narrativas. As autoras trabalham com diversas facetas da memória (memória como possibilidade de alteração do presente e do futuro - memória como trabalho – memória como versão e memória como esquecimento).

⁶ Para Pollak, a memória está intimamente ligada à identidade social, mesmo que aparentemente ela parece estar ligada a individualidade de cada sujeito. A memória para ele é um fenômeno coletivo e social.

Pollak, (1992), existem alguns elementos constitutivos da memória, que delineiam se a memória coletiva predominará diante da memória individual para a constituição da memória do sujeito. O primeiro elemento, como afirma o autor, é se o acontecimento rememorado foi “vivenciado por tabela” ou vivenciado pessoalmente. O segundo elemento refere-se às pessoas e os personagens, se o personagem freqüentaram por tabelas indiretamente, ou se as pessoas ou personagens, de fato, participaram do mesmo espaço-tempo da pessoa que está rememorando. O terceiro e último elemento constitutivo da memória é o lugar, se é um lugar cronológico, ou uma lembrança pessoal. A partir desses elementos podem-se analisar os vestígios da memória- se houve transferências e projeções da memória individual para o coletivo.

Santos (2003) retrata bem esta característica da memória em seu artigo “História e Memória: o caso do Ferrugem”, ao relatar as várias versões de um mesmo caso que ocorreu com um lavrador em Ilha Grande, estado do Rio de Janeiro. Neste artigo, Santos apresenta as versões sobre o assassinato do lavrador, o Ferrugem, descrito no relatório oficial (memória oficial); a partir da visão dos moradores da região (memória coletiva) e as versões da mídia (memória dos meios de comunicação de massa- jornais, revistas, rádio, televisão e etc.). A autora observou que existia uma diferença nos relatos, para os moradores da região o assassinato foi premeditado, já para os oficiais, a morte do Ferrugem foi uma fatalidade. Mostrando como as diversas versões, sobre o caso de Ferrugem, é percebida a partir do ponto de vista e a partir da participação do narrador diante o acontecimento - o assassinato.

Outra característica marcante da memória é o seu caráter de esquecimento. Como relata Honório-Filho (2011)⁷ “a memória vem elegantemente acompanhado do esquecimento” (pg. 189). Para Guedes-Pinto *et. al* (2008), o esquecimento faz parte de qualquer rememoração. Afinal, não se revive os fatos acontecidos e sim os relembram, e este relembrar pressupõe lembrar alguns fatos e esquecer-se de outros, reconstituem a memória por meio de uma seleção de fatos. O esquecimento muitas vezes é tido como estratégia de resistências a vivências difíceis do sujeito, que muitas vezes prefere ignorá-las, como aborda Pollak (1989)⁸, em seu artigo “Memória, esquecimento e silêncio” ao relatar sobre as mulheres sobreviventes do campo de concentração de Auschwitz-birkenau, constituindo o silêncio coletivo daquelas sobreviventes da guerra.

O rememoração também é seletivo. Ao reconstituir a memória, o sujeito escolhe o que é considerado importante e o que o marcou para serem relembrados ou não. Como afirma Pollak (1992) sobre a caracterização da memória “A memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado.” (pg. 4). Essa organização da memória - o trabalho da memória- como relata o autor, perpassa pela “negociação para conciliar memória coletiva e memórias individuais”(pg. 3).

Partindo desta breve discussão sobre a complexidade da memória e seu rememoração, podemos constatar que a memória é constituída por meio de inúmeras variáveis que o delineiam. Assim, a memória será sempre única. Não buscando a verdade absoluta dos fatos (BRAGANÇA, 2011), ela é um processo de criação de significados. Assim os fatos e acontecimentos narrados proporcionam uma construção de sentido de uma vida, sendo resultante do que aconteceu realmente, e sim das experiências e consciência do aprendizado.

⁷ Honório-Filho discute a memória no contexto de formação de professores. Para ele, as narrativas de histórias de vida, que contemplam o trabalho da memória, são importantes para a formação de professores. Ele parte do princípio, que o sujeito está constantemente em formação – formação que perdura por toda a vida. O autor também defende que a narrativa é um instrumento que auxilia o processo de formação, podendo alcançar a emancipação do ser.

⁸ Neste artigo Pollak aborda sobre a memória coletiva – seu silenciamento e enquadramento na sua solidificação.

Assim a atividade de narrar, como aponta Lechner (2006)⁹, é um espaço privilegiado de recapitulação por parte dos sujeitos, por meio da narrativa oral ou escrita, de “experimentar a construção de uma nova percepção de si”(pg. 171). Para De Certeau (1990), a narração é a arte de dizer. Para o autor, a narrativa é uma forma de materializar o dizer, é uma “ ‘maneira de fazer’ textual com seus procedimentos e táticas próprias” (pg. 141), para ele, a história narrada não é real e sim uma ficção. A narração, assim com a memória, não é neutra, sua construção é influenciada por diversos fatores. Ela é uma re-construção que é re-pensada e re-feita, com as imagens e ideias de hoje, como relata Magda Soares (1991).

Assim, a cada nova narrativa, a história é ressignificada, buscando a relação de “viver e narrar, ação e reflexão, narrativa, linguagem, refletividade autobiográfica e consciência histórica” (PASSEGGI, 2011, pg. 148). Essa compreensão da trajetória e do aprendizado por meio da narração, esta auto-reflexão, pode se associar a um processo pedagógico, a fim de que as pessoas compreendam sua trajetória, como diz Soares, conhecer o seu bordado, sua vida de forma reflexiva. Uma das formas de narrar, defendidas neste trabalho, ocorre pelo uso de memoriais individuais.

3. Memoriais

O memorial escrito é um texto narrativo onde o autor relata sobre sua própria vida, descrevendo acontecimentos considerados importantes da sua trajetória de vida. Para Prado & Soligo (2005), o memorial é uma forma de narrar nossa história preservando-a do esquecimento. Esse gênero textual, o memorial, é um processo registrado que possibilita refletir sobre nossas vivências, experiências e memórias. Magda Soares (1991) é uma das defensoras do memorial, ela afirma que o memorial possibilita refletir sobre o “por que fez, para que fez e como fez” (pg. 25), buscando conhecer o passado, pensar no passado, não buscando o que viveu, mas, o que estava pensando quando viveu (SOARES, 1991).

Para Severino (1941), o memorial é “uma autobiografia configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva” (pg. 245). Utilizado em diversas áreas do conhecimento, com diferentes propósitos. No contexto acadêmico, podemos distinguir os memoriais em três grandes modalidades: o memorial acadêmico, o memorial de formação e o memorial autobiográfico (proposto por Passeggi). O memorial acadêmico é aquele escrito por professores e/ou pesquisadores, no ensino superior- como publicado pela Magda Soares no livro, “Metamemória- memórias: travessia de uma educadora”- com o propósito de narrar de forma reflexiva sua trajetória profissional e intelectual, muitas vezes solicitados como requisito para o ingresso como docente em universidades federais. O memorial de formação também é produzidos no contexto acadêmico, porém elaborado pelos discentes- esta atividade solicitada como trabalho na formação de profissionais, possibilita discussões sobre sua área de formação, muitas vezes orientadas por um docente. O terceiro, o memorial autobiográfico, proposto por Passeggi, como procedimento auto (trans) formação, cuja finalidade não é apenas institucional, - como nos casos das duas modalidades acima, que está embutido a pressão e obrigação da escrita - e sim uma escrita reflexiva crítica, descrevendo os fatos que mais o marcaram “ com o objetivo de situar-se no momento atual de sua carreira e projetar-se em devir” (pg. 21).

⁹ Lechner, no artigo “Narrativas autobiográficas e transformação de si: devir identitário em ação”, propõe analisar as narrativas autobiográficas na reconstrução da identidade no contexto migratório – emigrantes franceses- tendo como pressuposto que as narrativas autobiográficas são momentos privilegiados para uma construção e reconstrução de um identidade – uma nova percepção de si. Para o autor, o processo de reconstrução de identidade passa pelo efeito de re-significação por meio da narração, como tomada de consciência, possibilitando a transformação.

Assim, os memoriais são muito utilizados por estudiosos, por diversas finalidades, como fonte de pesquisa, instrumento de coleta de dados, análise de processos e até como estratégia pedagógica no processo de formação continuada em cursos universitários. Nota-se, pelas múltiplas utilidades que o memorial contempla - a complexidade que encontramos nestes registros. Partindo desta perspectiva, do memorial como instrumento de rememoração que possibilita o sujeito, que o escreve, dar sentido e significado aos fatos vivenciados - professores acadêmicos solicitam aos alunos no decorrer de suas disciplinas a escrita de memoriais. A professora Guedes-Pinto (2008), utiliza de memoriais de formação em curso superiores como alternativa para o processo de formação, tornando-se uma estratégia pedagógica, na busca do conhecimento e do autoconhecimento. Para Martins (2005), o memorial também é uma estratégia de formação. A autora alega três motivos para se trabalhar com memoriais: o primeiro, para Martins é que “as memórias se encontram num limiar entre história e estória” (pg. 191); segundo, pelo fato de o estudante ser narrador-observador da história e terceiro e último motivo, é pelo fato de o cronista se tornar narrador-protagonista. Professores como Guilherme Prado e Rosaura Sotigo (2005), também trabalham com memorial de formação na perspectiva do autoconhecimento, do sujeito para a transformação de suas ações profissionais. Josso (1978) também utiliza da abordagem bibliográfica como estratégia pedagógica de formação ao solicitar aos formandos uma “Biografia Educativa”, como instrumento de compreensão do processo de formação.

Assim como há professores que trabalham com o memorial de formação, há professores que utilizam do memorial para o conhecimento e o autoconhecimento das práticas de leitura, trabalhando com memoriais de leitura - como estratégia pedagógica na busca de ressignificações das práticas leitoras dos universitários.

4. Memoriais de leitura: estratégia pedagógica nos currículos dos cursos de formação de professores

Professores universitários, como Martins (2005), Goulart (2011), Corrêa (2011) trabalham com memoriais de leitura, como forma de resgate de como foi à formação leitora dos alunos. Essa estratégia pedagógica de utilização de memoriais de leitura, na busca de reflexões, vem trazendo resultados significativos para os alunos.

Martins (2005) trabalhou com memoriais de leitura com alunos dos cursos de licenciatura, letras e pedagogia da UFMG. Para a autora, os memoriais também possibilitam perceber “os discursos, as concepções de linguagem, de leitura e de escrita” (p. 186). Para Martins, este gênero textual que potencializa as rememorações, transmite também a história e a literatura de vida dos alunos. Essa experiências de rememorações, para a autora, possui um valor sentimental, intelectual e profissional quando lembrados. Para Martins, o memorial de leitura é um ótimo instrumento para ser usado como estratégia de formação.

Goulart (2011) buscou analisar qual a posição do livro na relação do leitor e da leitura por meio de memoriais de experiências (denominado pela autora). Nestes relatos das memórias, a autora observa que o livro não foi um objeto que apenas resgatou a relação dos sujeitos pesquisados com a leitura, mas também resgatou o momento da vida em que o livro foi lido, o significado daquele livro para ele, os fatos históricos daquele momento em que o livro foi lido, ou seja, relembra todo o contexto em que o livro foi lido, resgatando o valor sentimental daquele momento vivido.

Os memoriais de leitura também são uma estratégia pedagógica para os docentes do Centro de Educação Aberta e a Distância da Universidade Federal de Ouro Preto - CEAD/UFOP, para o Professor Dr. Hércules Corrêa e para Professora Glauca Jorge, na disciplina de “Práticas de leitura e produção de textos acadêmicos” no curso de Pedagogia.

Nesta disciplina, os professores solicitam memoriais de leitura aos seus alunos. O memorial é solicitado com intuito de “não apenas relatar experiências vividas, mas nos interrogarmos sobre essas experiência (...) associamos com o que somos no nosso presente” (CORRÊA, 2011, pg. 1). Esta estratégia pedagógica de solicitar aos alunos que escrevam sobre seu processo de formação como leitores e autores, possibilita a auto-reflexão, o autoconhecimento das nossas potencialidades e dificuldades, compreendendo o por que se lida da forma com as práticas de leitura. Como afirma Peres (2011), o memorial é “como chances e fontes para desafiar nosso saber e ‘verdade’, e não para catalogar possíveis dificuldades” (pg. 176).

Observa-se que as lembranças de leitura são objetos de estudos valiosos, e partindo deste princípio, os memoriais tanto de formação como de leitura, tornam-se instrumentos de pesquisa. Corrêa e Carvalho (2011) propõem um estudo sobre as práticas de leitura, por meio de memoriais de leitura, com alun@s do curso de pedagogia da modalidade presencial e à distância da Universidade Federal de Ouro Preto. Assim, este estudo proporcionará reflexões acerca dos memoriais de leitura na formação de professores como propulsor de reflexões, reinterpretações e ressignificações das memórias de leitura.

5. Considerações finais

A partir dessas discussões preliminares sobre a memória e memoriais como potencial de conhecimento e autoconhecimento, que podem ser ressignificadas, podemos constatar que o memorial, seja de formação ou de leitura, é um instrumento que, ao ser inserido nas atividades da formação de professores como estratégia pedagógica, possibilita momentos de reflexão, como afirma Souza (2006) “ [as narrativas de formação] constitui estratégia adequada e fértil para ampliar a compreensão do mundo escolar e de práticas culturais do cotidiano dos sujeitos em processo de formação.” (pg. 139)

Assim, as memoriais possibilitam o conhecimento de si e a transformação de suas práticas a partir de suas reflexões promovidas pelo rememoração. Como afirma Peres (2011) “podemos juntos ter a oportunidade de revelar os nossos repertórios existenciais em direção a construção de processos e projetos que tem a reflexão o caminho para uma transformação de sentido” (PERES, 201, pg. 179)

Pensando na perspectiva de um novo olhar sobre as experiências dos sujeitos, como afirma Larrosa (2002), o sujeito necessita de refletir sobre si mesmo, enquanto um sujeito passional. Refletir sobre suas experiências, atribuindo-lhe sentido. Assim, o memorial de formação e de práticas leitoras, podem fornecer aos sujeitos que o narram, uma nova perspectiva e uma nova ressignificação sobre seu processo de formação. , uma compreensão da dinâmica de sua relação com o saber (CHIÉNÉ, 2010). Assim, acredita-se que o memorial como estratégia pedagógica para a formação de professores possibilita com que o sujeito-narrador compreenda melhor sua formação.

Pensando nos benefícios e possibilidades que o memorial acarreta na formação dos sujeitos, como instrumento pedagógico que possibilita a melhoria da formação, as narrativas representam uma esperança para a educação e formação de professores.

Referências bibliográficas

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Memoriais de formação a (re)significação das imagens-lembranças/recordações-referências para a pedagoga em formação. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 165-172. Maio/ago. 2011. [Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8708/6353> Acesso em Dez/2011]

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/Fev/Mar./Abr 2002. n. 19. p. 20-28. [Disponível em: http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE19/RBDE19_04_JORGE_LARROSA_BONDI_A.pdf . Acesso em Dez/2011]

BOSSI, Ecléia. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*- 3ª ed.- São Paulo: Companhia das Letras, 1994. [1ª edição em 1973]

CHIENE, Adèle. A narrativa de formação e a formação de formadores. . In: *O método (auto) biográfico e a formação*. NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias. Natal, RN: EDUFURN; São Paulo: PAULUS, 2010. p. 129-142. (Coleção Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida)

CORRÊA, Hércules Tolêdo. CARVALHO, Luana de Araújo. Práticas de leitura de graduandos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Ouro Preto. In: *IX Jogo do livro e III Fórum ibero-americano de letramentos e aprendizagens*. Belo Horizonte. 2011

CORRÊA, Hércules Tolêdo. *Notas utilizadas na disciplina “Práticas de leitura e produção de textos acadêmicos” disponibilizado no moodle do Centro de Educação a Distância – CEAD/UFOP*, 2011.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. 7ª ed. Petrópolis.: Vozes, 2011. [1ª edição é de 1990]

GOULART, Isa do Carmo Vieira. *O livro nas memórias de leitura. Educação e Sociedade*. Campinas, v. 32, n. 115, p. 567-582, abr.- jun. 2011.

GUEDES-PINTO, Ana Lúcia; GOMES, Geisa Genaro; SILVA, Leila Cistina Borges da. *Memórias de leitura e formação de professores*. Campinas- SP: Mercado das Letras, 2008. (Coleção Gêneros e formação)

HONORIO FILHO, Wolney. Velhas histórias coladas à pele: a importância das histórias de vida na formação do professor. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 189-197. Maio/ago. 2011. [Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8704/6356>. acesso em dezembro/2011]. Acesso em Dez/2011]

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... ao sujeito de formação. In: *O método (auto) biográfico e a formação*. NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias. Natal, RN: EDUFURN; São Paulo: PAULUS, 2010. p. 59-79. (Coleção Pesquisa (auto) biográfica ∞ Educação. Clássicos das histórias de vida) - [1ª edição do texto é de 1978]

LECHNER, Elsa. Narrativas autobiográficas e transformação de si: devir identitário em ação. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2006. p. 171-182.

MARTINS, Aracy Alves. Memórias de professores: eventos e práticas de literacia/letramento. *Revista Portuguesa de Educação*, 18(2), p.185-213, 2005.

NOGUEIRA, Ana Lúcia Horta. Memória: trabalho de linguagem. *Leitura: Teoria & Prática*. Associação de leitura do Brasil. Campinas, SP, ano 27. n. 52, p. 50-54. Junho 2009.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156. Maio/ago. 2011. [Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8697/6351>. Acesso em Dez/2011]

_____. Memórias autobiográficas: escrita de si como arte de (re) conhecimento. In: CORDEIRO, V. M. R. SOUZA, E. C. (orgs.). *Memórias, literatura e práticas culturais de leitura*. Salvador: EDUFBA, 2010. p. 19- 42.

PERES, Lúcia Maria Vaz. Movimentos (auto) formadores por entre a pesquisa e a escrita de si. *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 173-179. Maio/ago. 2011. [Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/faced/ojs/index.php/faced/article/viewFile/8702/6354>. Acesso em Dez./2011]

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-202. [Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em Dez./2011]

_____. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. Vol. 2. n. 3, 1989, p. 3-15. [Disponível em: http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em Dez/2011]

PRADO, Guilherme do Val Toledo. SOLINGO, Rosaura. Memorial de formação- quando as memórias narram a história da formação....In: PRADO, G. 7 SOLINGO, R. (org.) *Porque escrever é fazer história: revelações, subversões, superações*. Campinas, SP: Graf, 2005. [Disponível em: http://www.fe.unicamp.br/ensino/graduacao/downloads/proesf-memorial_GuilhermePrado_RosauraSoligo.pdf. Acesso em Dez/2011]

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. História e Memória: o caso do Ferrugem. *Revista Brasileira de História*. São Paulo. V. 23, n. 46. p. 271-295, 2003. [Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v23n46/a12v2346.pdf>. Acesso em Dez/2011]

SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23ª ed. São Paulo: Cortez, 2007. [1ª edição é de 1941]

SOARES, Magda. *Metamemória- memórias: travessia de uma educadora*- São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção educação contemporânea. Série memória da educação)

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2006. p. 136- 147.